

1

A mulher tinha os olhos perdidos no vazio, como se estivesse muito longe. Eram uns olhos cinzentos, grandes, sombreados por pestanas escuras, e pareciam muito mais velhos do que ela. Era muito jovem ainda, vinte e quatro ou vinte e cinco anos, o rosto de traços correctos mas quase infantis, a boca amarga.

Tom reparara nela umas noites antes. Quando entrara no bar (o mesmo de sempre, uma sala funda, dois ou três degraus abaixo do nível da rua, uma luz indirecta, azulada, poucas pessoas àquela hora), vira-a sentada no último banco do balcão semicircular. Observara-a de forma quase profissional, uma mulher jovem, morena, de cabelo castanho pelos ombros, um vestido preto de alças, pernas longas sem meias, sandálias de salto alto. A simplicidade do vestido fazia-a brilhar a ela, o corpo esbelto e bem torneado, a beleza do rosto, as duas pérolas nas orelhas que eram as únicas jóias que usava.

Na primeira vez ficara menos de meia hora, o copo de whisky esquecido à frente, um cigarro a arder no cinzei-

ro. Tom pensara que devia esperar alguém, de um momento para o outro entraria um jovem com ar ofegante que a beijaria nos lábios, naquela idade não se pode viver sem amor. Mas ela permanecera sozinha, indiferente, acendera mais um cigarro que tivera o mesmo destino do outro e depois pegara no casaco preto e encaminhara-se para a saída. Ao passar olhara-o nos olhos e Tom estremeceu, sentira o desejo de falar-lhe, mas o desalento era mais forte e deixou-se ficar no lugar do costume, enquanto Mike, o barman, lhe servia o segundo dos vários copos de whisky que tomava todas as noites antes de ir dormir.

Nos dias seguintes ela demorou-se mais tempo. Por vezes quase a esquecia, mergulhado nos seus pensamentos, mas isso não durava muito, a presença dela começara a inquietá-lo, aqueles olhos enormes e pisados, o corpo que lhe parecia já conhecer bem, envolto no vestido preto ou num outro azul-escuro igualmente simples.

O facto aborrecia-o um pouco, gostava de estar sozinho, o bar ficava longe da esquadra e era pouco natural que algum dos seus conhecidos (amigos ou inimigos) aparecesse por ali, era perfeito até que aquela mulher se materializara na noite, fazendo-o sonhar com coisas que esquecera há muito, que havia mulheres novas e belas, que nem todas tinham o rosto marcado pelo vício como as que encontrava no seu trabalho ou as que procurava de tempos a tempos, corpos quentes e olhos ansiosos, que tornavam as noites ainda mais frias e o amanhecer mais distante.

Mas ela... o copo de whisky invariavelmente esquecido à sua frente, o cigarro que ardia como incenso, como se

só o fumo lhe interessasse... Não esperava ninguém, isso era claro, ou então esperava alguém que morrera há muito tempo. Ele sabia como era; mas tinha quase o dobro da sua idade, e vivera imenso, a sua vida era um longo filme negro, quando voltava ao quarto alugado tirava o coldre com o revólver que colocava no espaldar da cadeira, e daí a pouco adormecia, e mesmo os sonhos eram violentos, o perigo espreitava nas sombras, e os rostos eram estranhos, homens que matavam ou se faziam matar, mulheres que entregavam o corpo por razões que não tinham nada a ver com o amor, e o rio, as águas pesadas do rio, onde tudo podia acabar a qualquer momento. E os mortos, o sono trazia a companhia dos mortos e por vezes ao despertar não sabia se estava vivo ou não. Tomava banho e vestia-se, colocava o coldre e daí a pouco o filme recomeçava, as perseguições, os olhos azuis de uma mulher pedindo que a abraçassem até a matar, o medo, a violência.

Mas ela... o copo de whisky esquecido à frente, o cigarro, os olhos distantes... para onde iria a seguir, com o casaco preto vestido e as pernas nuas, quem a esperava na noite...

Por vezes encontravam-se sozinhos no bar, e a presença dela quase o magoava. Uma bela estátua imóvel, uma boneca que alguém colocara naquele lugar, que conservava a imobilidade do interior da caixa, que não sorria e não batia as pálpebras. Mas era tão bonita que dava vontade de levá-la para casa, mesmo que continuasse imóvel, sem sorrir, sem dizer uma palavra.

Uma noite ela levantou-se e ficou por instantes quieta junto ao banco, como procurando equilibrar-se, depois caminhou na sua direcção, passou por ele como se não

estivesse ali e aproximou-se da jukebox; daí a pouco ouviam-se as notas de *Tenderly*.

You took my lips

You took my love

Tenderly...

Mais tarde, quando a jovem saiu envolta no casaco preto, Tom seguiu-a. Fê-lo sem pensamentos premeditados, precisava de saber para onde ela ia, era tão simples como isso. Ao sair para a rua viu-a imóvel a alguns metros de distância, olhando a vitrina de uma loja de antiguidades, depois começou a andar pelo passeio, uma figura esbelta e solitária que os faróis dos automóveis iluminavam de vez em quando.

Passou por uma entrada de metropolitano, pareceu hesitar por segundos, mas prosseguiu o seu caminho. Andava devagar, como se não tivesse vontade de chegar a casa. Era um sentimento que Tom conhecia bem, detestava o momento de entrar no seu quarto e se não fosse o cansaço talvez passasse a noite metido num bar dos que ficavam sempre abertos, até a manhã dissipar as trevas e tudo se tornar um pouco mais claro.

Tinha demasiada experiência em seguir pessoas para recear que a jovem desse por ele. No entanto, a certa altura teve a intuição de que ela conhecia perfeitamente o facto, de que o esperara no exterior do bar, talvez já o tivesse feito noutras noites. Se havia ali um predador era ela, e a canção na jukebox fora um isco, que ele mordera quase inconscientemente. Talvez daí a instantes se voltasse para trás e o esperasse com um sorriso nos lábios, e então o jogo chegaria ao fim, e na manhã seguinte a obsessão teria desaparecido.

Perguntou a si mesmo se era isso que queria, que aquela imagem quase fantasmagórica se transformasse numa mulher de carne e osso, sem mistério, um pouco mais jovem que as outras, um pouco mais bonita, mas afinal uma mais para esquecer o pesadelo de uma noite, para que a manhã chegasse mais depressa.

Ela parara junto de uma fachada branca que destoava na rua de prédios velhos ou abandonados. Havia vasos de flores nalgumas janelas, um gato deitado numa sacada recortava-se ao luar. Com gestos lentos tirou uma chave da bolsa e abriu a porta, desapareceu no interior onde surgiu uma luz.

Não olhara para trás. Tom deixou-se ficar imóvel no outro lado da rua, e daí a pouco viu uma luz acender-se num quarto do segundo andar, um que tinha gerânios brancos na janela, e um vulto feminino passar junto à vidraça.

Acendeu um cigarro e afastou-se, com uma sensação de alívio um tanto inesperada. Não a perdera, na noite seguinte voltaria a encontrá-la no bar, os olhos fixos em alguma coisa que só ela via, o copo de whisky esquecido no balcão, o cigarro ardendo no cinzeiro, como incenso.

Começou a assobiar baixinho.

Tenderly.

Não a viu abrir a janela e olhar a noite pensativa, não viu o leve sorriso desenhar-se nos lábios vermelhos e carnosos enquanto passava a mão pelos cabelos soltos.

Na sacada, alguns metros acima, o gato lambia as patas.